
Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália

Sofia Vilhena*, Dulce Pimentel e José Carlos Marques*****

*FCSH – Universidade Nova de Lisboa, ** CICS.NOVA, FCSH-UNL, *** CICS.NOVA, IPL

OEm Fact Sheets

20

outubro de 2025

A aplicação do questionário “Transnacionalismo e a Comunidade Portuguesa na Austrália” a uma amostra de cento e vinte e seis pessoas permitiu explorar as características sociodemográficas, a experiência migratória, o carácter das ligações a Portugal, em particular o exercício de práticas transnacionais, e a integração de portugueses a residir na Austrália, um destino tradicional de emigração portuguesa.

Palavras-chave Emigração portuguesa, Austrália, integração, transnacionalismo.

Title Transnationalism and the Portuguese Community in Australia.

Abstract This study, employing the "Transnationalism and the Portuguese Community in Australia" questionnaire to a sample of 126 individuals, aimed to investigate their sociodemographic attributes, migratory journeys, the nature of their links to Portugal (with a focus on transnational practices), and their integration experiences within Australia, a historical destination for Portuguese emigration.

Keywords Portuguese emigration, Australia, integration, transnationalism.

Divulgação pública autorizada

O Observatório da Emigração incentiva a divulgação do seu trabalho. É permitido copiar, descarregar ou imprimir este conteúdo para uso pessoal e profissional, bem como incluir excertos desta publicação em documentos, apresentações, blogues, sítios e materiais de ensino, desde que o Observatório da Emigração seja devidamente identificado como fonte.

Notação

Nas publicações do Observatório da Emigração usa-se a notação anglo-saxónica dos números: os milhares são separados por vírgulas e as casas decimais por pontos.

Observatório da Emigração

Av. das Forças Armadas, ISCTE-IUL, 1649-026 Lisboa, Portugal

Tel. (CIES-IUL): + 351 210464018

E-mail: observatorioemigracao@iscte-iul.pt

www.observatoriodaemigracao.pt

Índice

Índice de gráficos	4
Siglas.....	5
1 Introdução.....	6
2 Caracterização sociodemográfica	7
3 Experiência migratória	12
4 Transnacionalismo - ligações a Portugal.....	17
5 Integração na Austrália	25
6 Reflexão	34
Nota sobre os dados.....	36
Metainformação.....	37
Referências bibliográficas	38

Índice de gráficos

Gráfico 1	Naturalidade dos respondentes	9
Gráfico 2	Grau de escolaridade – educação terminada em Portugal	9
Gráfico 3	Grau de escolaridade – educação terminada na Austrália	10
Gráfico 4	Dimensão do agregado familiar	10
Gráfico 5	Situação perante o emprego	11
Gráfico 6	Setor de ocupação	11
Gráfico 7	Distrito de residência em Portugal	15
Gráfico 8	Fontes de apoio no processo migratório	15
Gráfico 9	Fatores de repulsão – motivos de saída de Portugal	16
Gráfico 10	Fatores de atração – motivos de entrada na Austrália	16
Gráfico 11	Destino das remessas	21
Gráfico 12	Participação em associações/organizações portuguesas na Austrália	21
Gráfico 13	Participação em associações/organizações em Portugal	22
Gráfico 14	Participação em grupos nas redes sociais (Facebook)	22
Gráfico 15	Participação em eventos portugueses na Austrália	23
Gráfico 16	Ligações com Portugal – grau de concordância	23
Gráfico 17	Regresso a Portugal – grau de certeza	24
Gráfico 18	Laços económicos, atividade económica na Austrália dependente do mercado português (Portugal e comunidades portuguesas)	24
Gráfico 19	Forma de obtenção do primeiro emprego na Austrália	30
Gráfico 20	Participação em eventos na Austrália	30
Gráfico 21	Participação em associações/organizações na Austrália	31
Gráfico 22	Participação cívica e social na Austrália – grau de ocorrência	31
Gráfico 23	Reflexão pós-migração – grau de concordância	32
Gráfico 24	Dificuldades sentidas – grau de dificuldade	32
Gráfico 25	Situações de discriminação	33

Siglas

ACT: *Australian Capital Territory*

NSW: *New South Wales*

NT: *Northern Territory*

QLD: *Queensland*

SA: *Southern Australia*

TAS: *Tasmania*

VIC: *Victoria*

WA: *Western Australia*

1 Introdução

O questionário “Transnacionalismo e a Comunidade Portuguesa na Austrália” teve como objetivo explorar o caráter da ligação que a comunidade portuguesa na Austrália mantém com Portugal, com particular enfoque no exercício de práticas transnacionais, tendo por base o conceito de transnacionalismo.¹ A sua divulgação foi feita *online*, nomeadamente, na rede social Facebook, através da partilha em grupos de portugueses na Austrália e algumas páginas de associações portuguesas no país. No total, foram recolhidas 126 respostas, 70 no questionário em português e 56 no questionário em inglês. O questionário encontra-se dividido em quatro partes: 1. Caracterização Sociodemográfica, 2. Experiência migratória, 3. Transnacionalismo - Ligações a Portugal e 4. Integração na Austrália.

Uma vez que divulgação do questionário foi feita *online*, reconhecem-se algumas limitações na análise dos dados: o volume de respostas não permite que a amostra seja representativa, o que limita a possibilidade de generalizar os resultados à restante população portuguesa residente na Austrália. Mais importante ainda, o método de seleção dos participantes (não probabilístico), limita a extrapolação dos resultados a toda a população. Para além disso, a maior proporção de respostas do sexo feminino, assim como de pessoas com graus superiores de qualificação, não têm correspondência com o perfil da população portuguesa no país; por último, há maior proporção de respostas de pessoas que vivem no estado de Victoria, em resultado da divulgação do questionário na página web da Associação Portuguesa de Vitória.

No entanto, pesando estas limitações, o questionário continua a ser um instrumento importante que nos permite obter uma perspetiva interna sobre o percurso e experiência migratória de uma comunidade portuguesa antiga, que engloba as várias fases da emigração portuguesa. Deste modo, este documento permite aprofundar o nosso conhecimento sobre a emigração portuguesa, que perdura como traço marcante da identidade nacional e que continua a expressar-se de forma intensa e dinâmica no primeiro quartel do século XXI.

¹ O transnacionalismo refere-se a um conjunto de práticas migratórias onde o migrante, as organizações, grupos, instituições e redes sociais em que este se encontra inserido, constroem relações entre o país de origem e o de acolhimento. Estas relações podem ser económicas, sociais, políticas, entre outras (Vertovec 2009). Este conceito distingue-se do transnacionalismo associado às relações diplomáticas entre Estados ou empresas multinacionais, na medida em que tem o migrante e as relações que este estabelece em ambos os países no centro da agência (Bauböck e Faist 2010). Assim, de acordo com este “novo paradigma, os imigrantes redefinem, mas não abandonam, os laços que os unem ao país de origem, isto é, não existe um processo de assimilação/incorporação total nos países de destino, mas antes uma partilha complexa entre as duas ou mais sociedades, criando, assim, uma multiplicidade de laços que os ligam ao país de origem em diferentes áreas, que transcendem as fronteiras nacionais e complexificam as suas relações sociais com as sociedades de origem e de destino” (Góis e Marques 2007, 8).

2 Caracterização sociodemográfica

Na composição do perfil dos respondentes, destaca-se a maioria de mulheres (61.1% mulheres e 38.9% homens). A faixa etária predominante é dos 35-54 anos (60.3%), seguida por 55-64 anos (15.9%) e uma distribuição igual (11.9%) entre os grupos de 25-35 anos e 65 anos ou mais.

Mais de metade (52.4%) possui dupla nacionalidade (portuguesa e australiana). Embora os censos australianos não proporcionem dados oficiais sobre a dupla cidadania, sabemos que cerca de 80% dos portugueses a residir na Austrália são cidadãos australianos.² Dos restantes respondentes, 43.7% têm a cidadania portuguesa, 3.2% a cidadania australiana e uma pessoa reportou ter outra dupla nacionalidade para além da portuguesa. Dos respondentes, 82.5% nasceram em Portugal, 6.3% na Austrália, 8.7% num país de língua oficial portuguesa³ e 2.4% noutro país. A grande maioria encontra-se registada no consulado português (85.7%) (gráfico 1).

No que respeita à distribuição geográfica em território australiano, 52.4% dos respondentes vivia no estado de Vitória, o que sabemos não representar a situação real – de acordo com os censos de 2021, mais de metade dos portugueses reside em New South Wales, estado que recolheu 20.6% das respostas. O estado de Queensland totalizou 15.1% das respostas e o de Western Australia representou 7.9% das respostas. Em linha com o que se verifica na distribuição populacional, os restantes territórios e/ou estados estiveram pouco representados: Southern Australia e o território de Australian Capital Territory reuniram 1.9% das respostas (cada) e o Northern Territory apenas 0.8%. Não houve respostas da Tasmânia.

Sobre a educação, 65.9% dos inquiridos concluíram a sua educação em Portugal, sendo a licenciatura (31.3%), o mestrado (22.9%) e o ensino secundário (15.7%) os graus de escolaridade mais comuns. Um igual número de pessoas (2.4% cada) reportaram ter doutoramento ou apenas o 1º ciclo (gráfico 2). No total, 28.9% tinha baixas a médias qualificações, 14.5% qualificações intermédias e 56.6% uma educação superior. Por sua vez, 27% dos respondentes concluíram a sua educação na Austrália, onde os graus de qualificação são distintos do sistema português. A resposta mais comum foi a licenciatura (*bachelor degree* e *honours degree*) (32.4%), seguida do mestrado (17.6%) e *Diploma/Associate Diploma* (qualificação intermédia). Em comparação com os que concluíram a educação em Portugal, a percentagem de pessoas com baixas a médias qualificações é consideravelmente inferior, dado que o secundário é a qualificação indicada mais

² Na Austrália, o *stock* da população imigrante é contabilizado com base na naturalidade.

³ Cinco pessoas nasceram em Angola, quatro em Moçambique, uma no Brasil e uma em Timor-Leste.

baixa (8.8%). Deste modo, 26.5% das pessoas tinham uma qualificação intermédia e 52.9% uma educação superior (gráfico 3). Os restantes 7.1% terminaram os estudos noutro país.

Na resposta relativa à dimensão e composição do seu agregado familiar, 89.7% vive acompanhado, face a uma minoria (10.3%) que vive sozinha. A composição mais comum é a de agregados de três (28.6%) e de duas pessoas (25.4%). Das restantes, 17.5% vivia em agregados de quatro pessoas e 35.7% em agregados com cinco ou mais pessoas (gráfico 4).⁴ Uma clara maioria dos respondentes (69.8%) tem filhos, dos quais 45.5% tem dois filhos e um terço (33%) tem um filho. Dos restantes, 19.3% afirmaram ter três filhos e 2.3% quatro ou mais filhos. Em relação aos descendentes pouco mais de um quinto (21.6%) nasceu em Portugal e a maioria (52.3%) tem cidadania portuguesa, pelo que uma maioria dos filhos (73.9%) é cidadão português. Entre as línguas faladas em casa, mais da metade (55.6%) fala português e inglês, seguido pelos que falam apenas inglês (16.7%) e português (15.1%). Os restantes 12.7% falam uma combinação de três línguas, das quais duas são o português e inglês.

No que diz respeito à situação perante o emprego, havia a possibilidade de selecionar mais do que uma opção. Do total, 61.9% dos respondentes trabalhava exclusivamente a tempo-inteiro, mas 3.2% acumulava com outra função.⁵ Segue-se o emprego a tempo-parcial, em que trabalhavam, em exclusivo, 10.3% dos respondentes, a par dos 3.2% que acumulavam com outra função.⁶ Por fim, uma igual proporção (5.6% cada) trabalhava de forma independente (criação do próprio emprego) e eram empresários e 4.7% eram reformados (gráfico 5).⁷

Os sectores de atividade mais comuns foram: “saúde e assistência social” (23 respostas), seguida de “serviços profissionais, científicos e técnicos” (17), “manufaturas” (12) e “construção” (11). Todos os setores elencados garantiram pelo menos uma resposta. Ainda assim, dez pessoas selecionaram a opção “outras” (gráfico 6).⁸

[gráficos nas páginas seguintes]

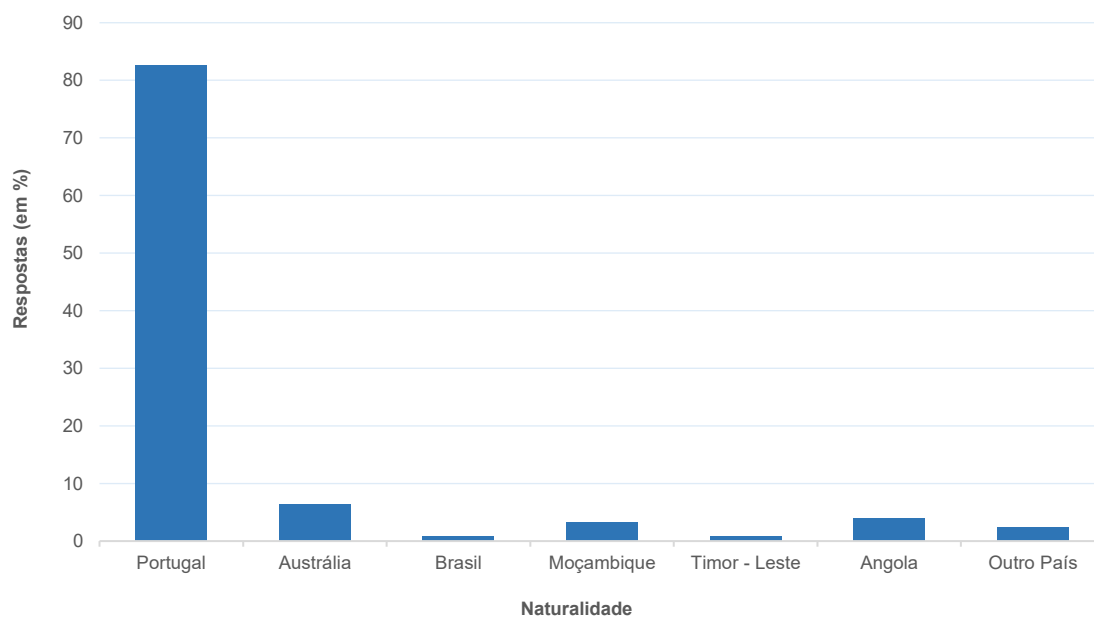
⁴ Engloba as respostas dos agregados de cinco, seis e sete pessoas.

⁵ Entre as respostas sobre que acumulava o tempo parcial com outra função: duas pessoas acumulavam com um emprego a tempo parcial, uma era dona de uma empresa e uma pessoa trabalhava de forma independente.

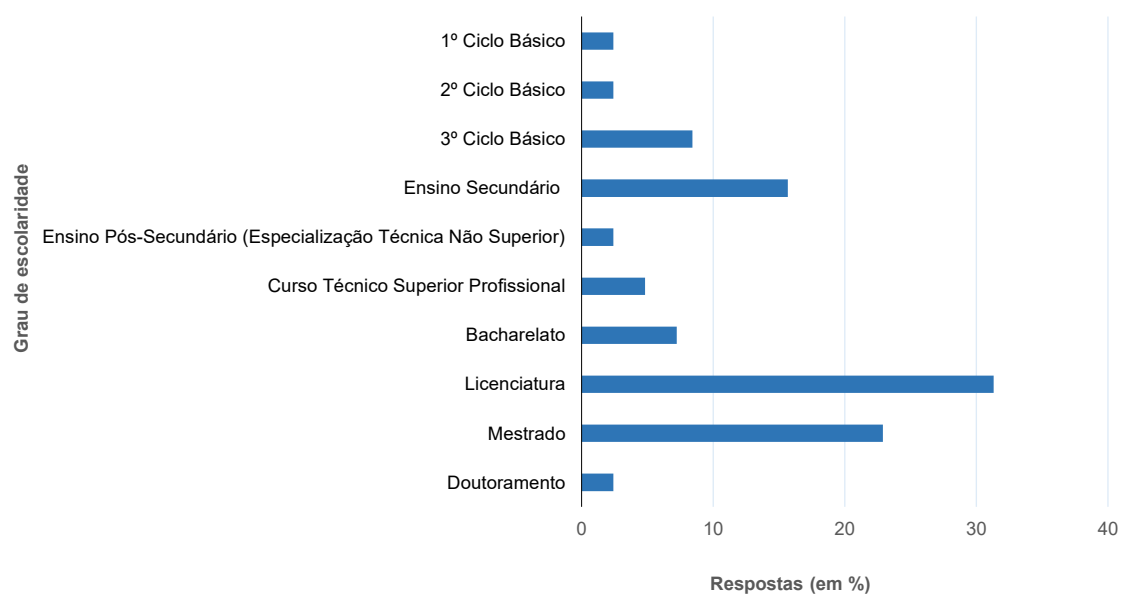
⁶ Duas pessoas acumulavam o emprego a tempo-parcial com trabalho independente e duas pessoas eram estudantes.

⁷ Das restantes respostas exclusivas: três pessoas são domésticas, uma está desempregada e duas como estudantes. Em combinação, uma pessoa é doméstica e desempregada, e outra é uma empresária que também é estudante.

⁸ Entre as respostas: “work cover” (subsídio de doença/acidente de trabalho); limpezas (duas pessoas), engenharia (sem ramo indicado), organização de eventos, gestão de dados, terapia de beleza, setor de fins não-lucrativos, turismo e uma pessoa respondeu “nenhum”.

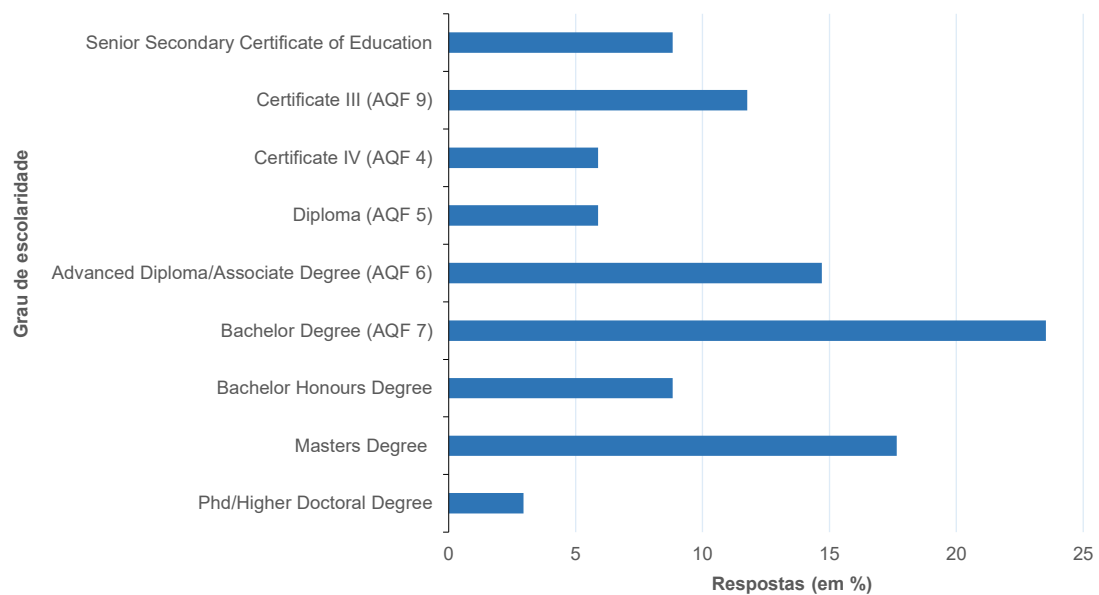
Gráfico 1 Naturalidade dos respondentes

Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 2 Grau de escolaridade – educação terminada em Portugal

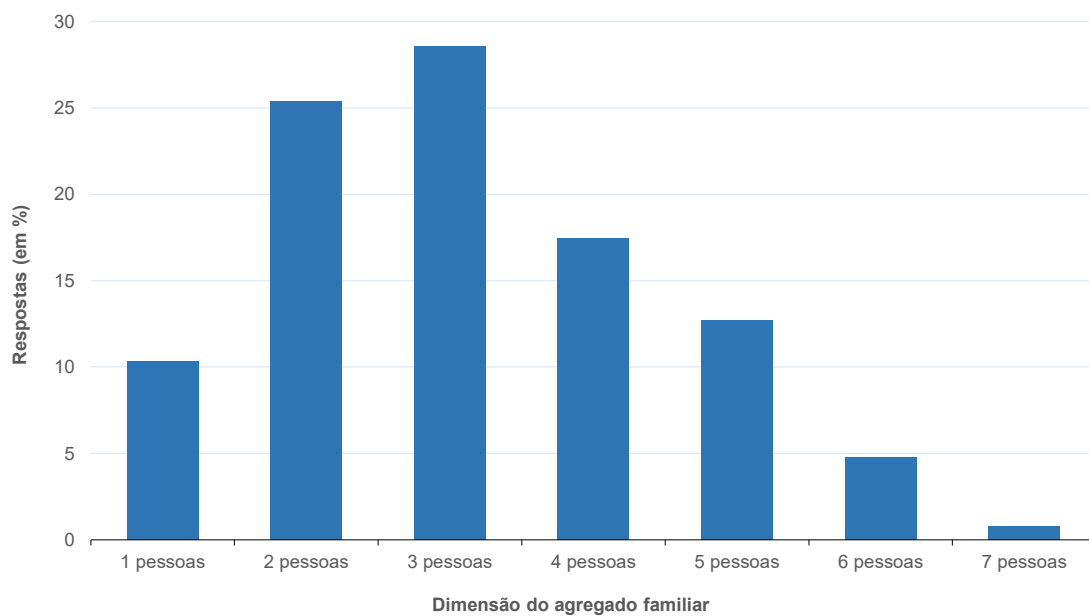
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 3 Grau de escolaridade – educação terminada na Austrália



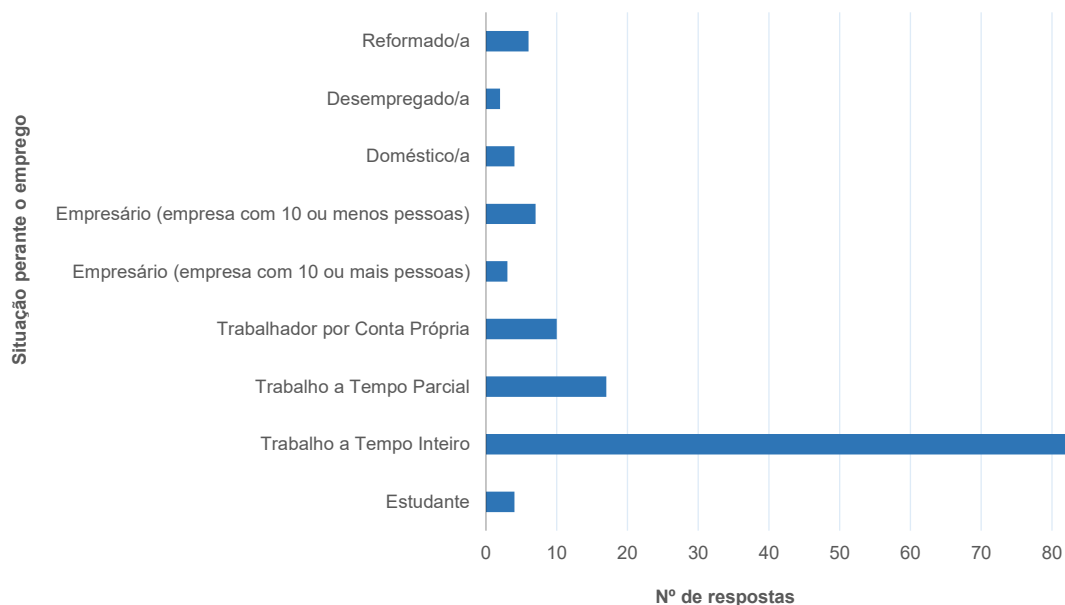
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 4 Dimensão do agregado familiar



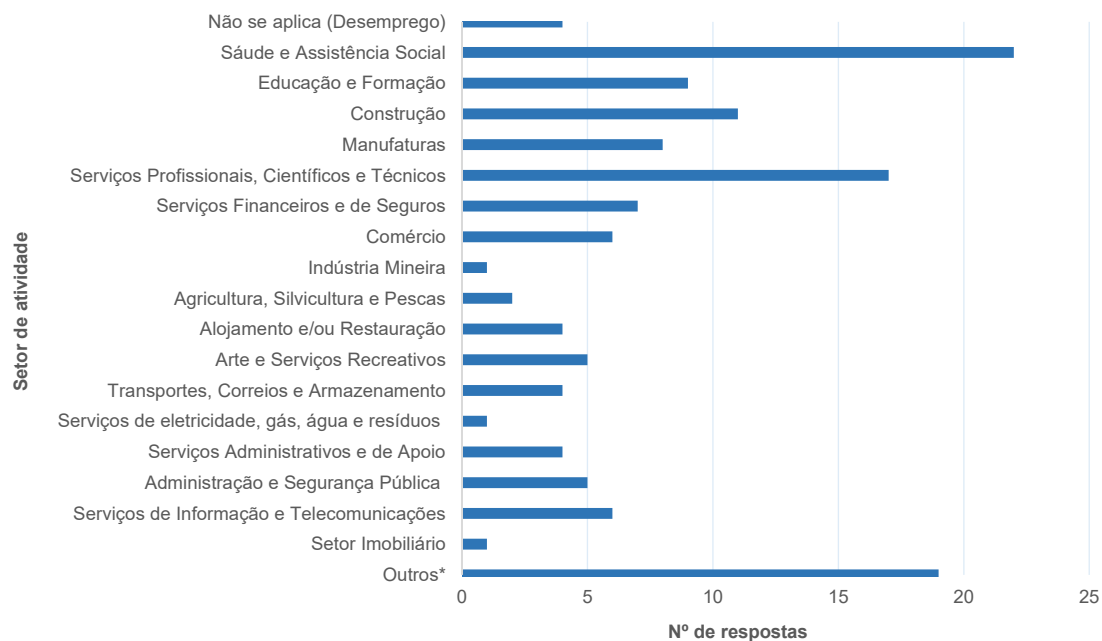
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 5 Situação perante o emprego



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 6 Setor de ocupação



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

3 Experiência migratória

A terceira parte do questionário foi respondida por 84.9% dos respondentes, dado que apenas se aplicava a quem migrou voluntariamente⁹ de Portugal. Assim, dos respondentes que viveram ou nasceram em Portugal, mais de um terço (37.4%) vivia no distrito de Lisboa e 16.8% vivia no distrito do Porto. O distrito de Braga aparece em terceiro lugar (8.4%), seguido por Faro (7.5%). Deste modo, mais de metade dos respondentes (54.2%) era oriundo ou tinha vivido na região Sul de Portugal, 29.9% na região Norte, 11.2% na região Centro e 4.7% tinham vivido na Região Autónoma da Madeira (gráfico 7).^{10 11}

Experiência migratória e processo migratório

A maioria (60.7%) dos respondentes não tinha uma experiência migratória prévia antes de ir para a Austrália. Entre os que já tinham migrado anteriormente (de forma permanente, 39.3%), a grande maioria (63.4%) tinha vivido num país, 17.1% tinham vivido em dois países, 12.2% tinham estado em três países e 4.9% já tinham estado em quatro países antes de ir para a Austrália.¹² Os principais destinos incluíam: o Reino Unido, como destino preferencial (7 pessoas), seguido por Timor-Leste (4 pessoas), Bélgica¹³, Alemanha e a Espanha (4 pessoas cada), Noruega, Austrália¹⁴, Brasil, África do Sul, França e Noruega (3 pessoas cada) e, por fim, a Finlândia e Moçambique (2 respostas). Estas respostas evidenciam o predomínio de países europeus nos destinos da emigração portuguesa e o facto de cerca de 40% dos inquiridos ter passado por outras experiências migratórias antes de chegar à Austrália.

⁹ Refere-se a uma decisão autónoma de migrar, isto é, a decisão foi tomada de forma autónoma, quer de forma individual ou conjunta. Não se considera, neste caso, a situação de menores, por exemplo, que migraram por esta ser a vontade dos pais ou do guardião legal.

¹⁰ Considera-se como região norte os distritos de Viana do Castelo (4 pessoas), Braga (9), Bragança, Porto (18) e Vila Real (1); região centro, os distritos de Aveiro (3), Coimbra (2), Castelo Branco (1), Guarda (1), Leiria (3) e Viseu (2); região sul os distritos de Lisboa (40), Setúbal (5), Santarém (5), Portalegre, Évora, Beja e Faro (8).

¹¹ Não houve respostas dos distritos de Beja, Bragança, Évora e Portalegre e da Região Autónoma dos Açores.

¹² Uma resposta (2.4%), foi contabilizada como inválida por a resposta ser “múltiplos”.

¹³ Uma pessoa migrou para a Bélgica duas vezes, mas apenas foi contabilizada uma vez.

¹⁴ Pessoas que já tinham migrado para a Austrália anteriormente e regressaram a Portugal ou migraram para outros países.

A maioria das pessoas migrou para a Austrália acompanhada pelo cônjuge/parceiro (57%) e mais de um quarto (28%) chegou sozinha. Das restantes, 14% foi acompanhada por outros familiares e 1% (uma pessoa) foi acompanhada por amigos e/ou colegas.

Mais de metade dos respondentes (57.9%) recebeu apoio antes ou após ter migrado para a Austrália. Entre os tipos de apoio recebidos, o mais comum foi a partilha de informações sobre a Austrália (44 respostas), seguido por apoio financeiro e ajuda para encontrar alojamento (26 respostas cada) e de apoio para encontrar emprego (18 respostas).

As principais fontes desses apoios (gráfico 8) foram: amigos e/ou familiares a residir na Austrália (39 respondentes), o empregador ou patrocinador¹⁵ (17 respondentes) e os amigos e/ou familiares a residir em Portugal (8 pessoas), portugueses a residir na Austrália (4 pessoas) e associações de portugueses na Austrália (3 pessoas). As opções “apoio de portugueses que já tinham vivido na Austrália” e “grupos de portugueses na Austrália”, reuniram duas respostas cada. Por fim, onze pessoas selecionaram a opção “outros”.¹⁶

No que diz respeito ao momento do apoio (gráfico 18),¹⁷ 76.6% das pessoas indica ter recebido apoio apenas numa fase inicial de chegada à Austrália, 15.6% recebeu apoio antes de ir para a Austrália e 4.7% diz receber apoio regularmente. Por fim, existe uma igual distribuição de respostas (1.6%) para as seguintes respostas: “apenas em alturas de necessidade” e uma resposta conjunta, com a seleção das opções “numa fase inicial de chegada” e “em alturas de necessidade”. Uma resposta foi considerada inválida¹⁸.

Push & Pull: Fatores de repulsão e atração

Para compreender o que levou as pessoas a deixarem Portugal (*fatores de repulsão*) e escolher a Austrália (*fatores de atração*), foram elencadas dez motivações. Uma vez que era possível selecionar várias opções, é indicada a frequência e não a proporção de respostas.

¹⁵ Um patrocinador ou *sponsor* é um empregador que assegura um visto de trabalho temporário ou permanente a um trabalhador qualificado estrangeiro, caso o empregador não consiga encontrar alguém na Austrália para preencher a vaga (Australian Department of Home Affairs n.d). Para mais informações consultar o [link](#).

¹⁶ Sete pessoas mencionaram o governo australiano, sendo que três pessoas mencionaram o *Centrelink* - agência de serviços do governo australiano, que equivale ao sistema da segurança social em Portugal (Australian Government, n.d.). Três pessoas mencionaram agências de imigração e uma pessoa mencionou uma empresa de intercâmbio em Portugal.

¹⁷ As percentagens foram contabilizadas considerando as que indicaram receber apoios (60.7% das pessoas).

¹⁸ Porque sobrepunha duas respostas opostas entre si, nomeadamente as opções “recebi apoio numa fase inicial à chegada, mas já não recebo” e “recebi apoio antes de ir para a Austrália”.

Os três principais fatores de repulsão foram essencialmente económicos e de âmbito pessoal: o desejo de conhecer um país novo e/ou realizar novas experiências (56 respostas); os baixos salários praticados em Portugal (46 respostas) e a falta de perspetivas de carreira (40 respostas). A oferta de emprego/progressão na carreira foi a quarta mais comum (21 respostas), seguida pela reunificação/acompanhamento familiar (18 respostas) e o sistema político português (14 respostas). Entre as restantes escolhas, encontramos: elevados encargos fiscais em Portugal (9 pessoas), prosseguir estudos ou formação (8 respostas) e a situação de desemprego (6 pessoas). Houve ainda treze pessoas que elencaram outros motivos além dos expostos (gráfico 9).¹⁹

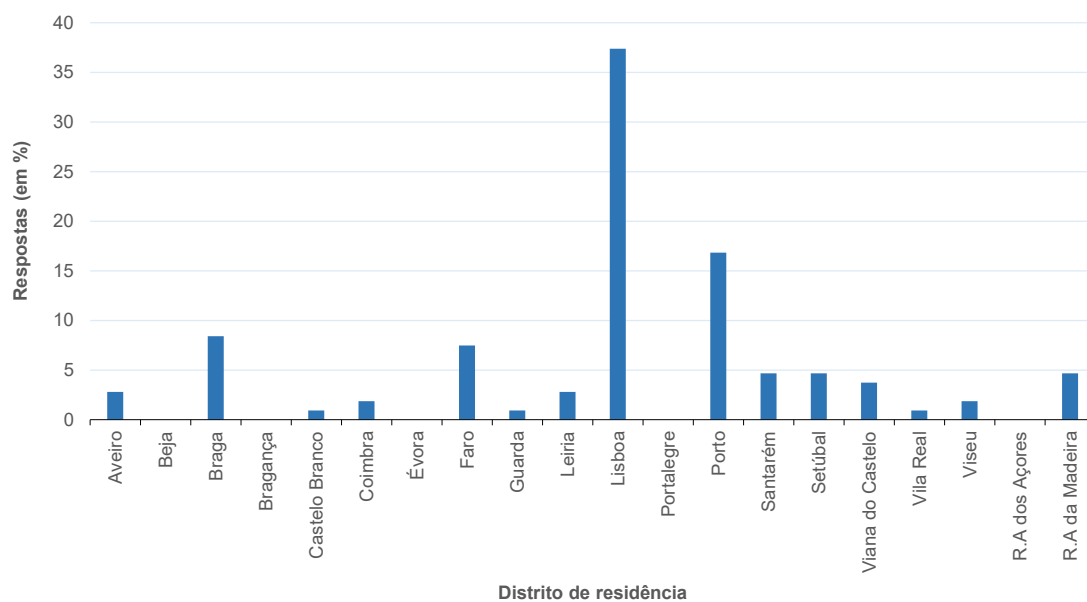
Entre os fatores de atração, os mais comuns são, sobretudo, de natureza económica, profissionais e cultural. Deste modo, as opções mais selecionadas foram: a cultura e/ou qualidade de vida (45 respostas); oferta de emprego/progressão na carreira (44 respostas) e conhecimento da língua (35 respostas); economia atrativa (33 respostas), reunificação/acompanhamento familiar (31 respostas); a presença de algum conhecido no país (27 respostas) – o que demonstra a importância das redes sociais –, e prosseguir estudos ou formação (9 respostas). As opções com menor número de respostas (três cada) foram o regime político e o regime fiscal mais favorável. Por fim, onze pessoas selecionaram a opção outros (gráfico 10).²⁰

[gráficos nas páginas seguintes]

¹⁹ Destas treze pessoas: (1) duas pessoas mencionam os filhos: uma pessoa desejava mais oportunidades para estes e outra pessoa não conseguia ver um futuro para os filhos em Portugal; (2) duas pessoas mencionam a existência de um parceiro australiano, (3) uma casa e vida melhor; (4) aprender a falar inglês; (5) razões pessoais; (6) não se encaixava em Portugal; (7) procura de um futuro melhor.

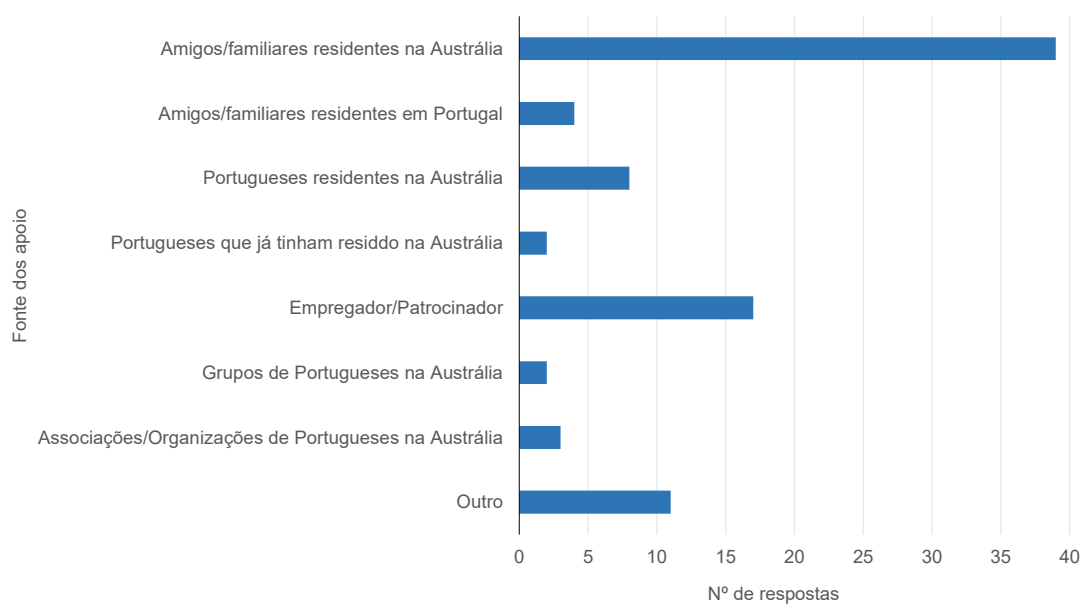
²⁰ Motivos elencados: ter parceiro/a australiana (duas pessoas) e uma pessoa reportava ligações familiares através da mãe do filho. Três pessoas mencionaram o clima australiano e duas pessoas tinham nascido na Austrália. Por fim, uma pessoa disse “sentir-se em casa” na Austrália e outra indicou ter o “sonho australiano”, referindo o estilo de vida.

Gráfico 7 Distrito de residência em Portugal



Fonte: Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 8 Fontes de apoio no processo migratório



Fonte: Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 9 Fatores de repulsão – motivos de saída de Portugal

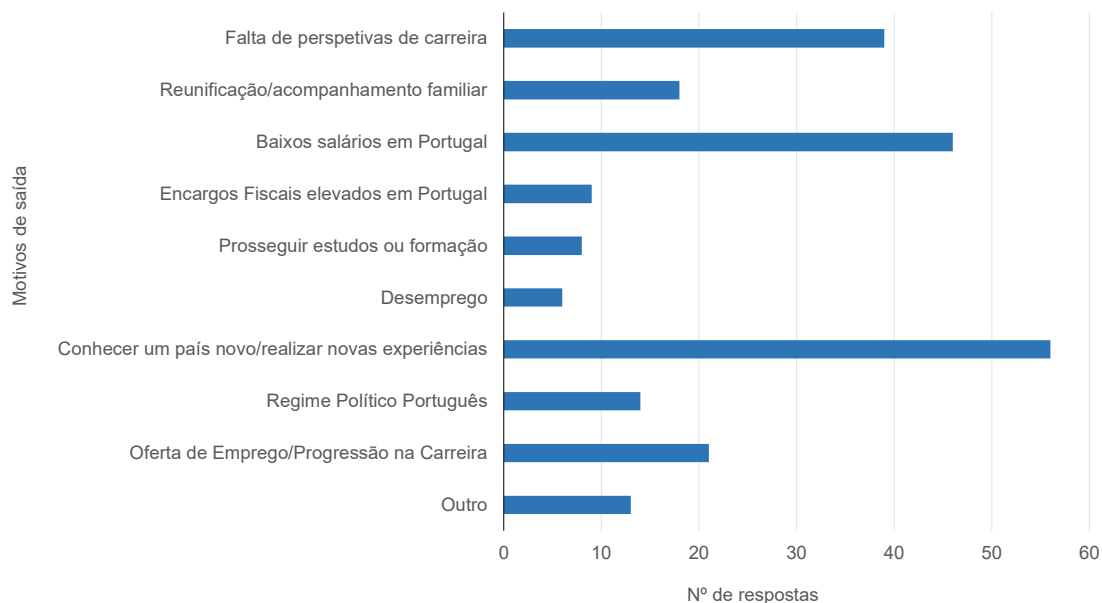
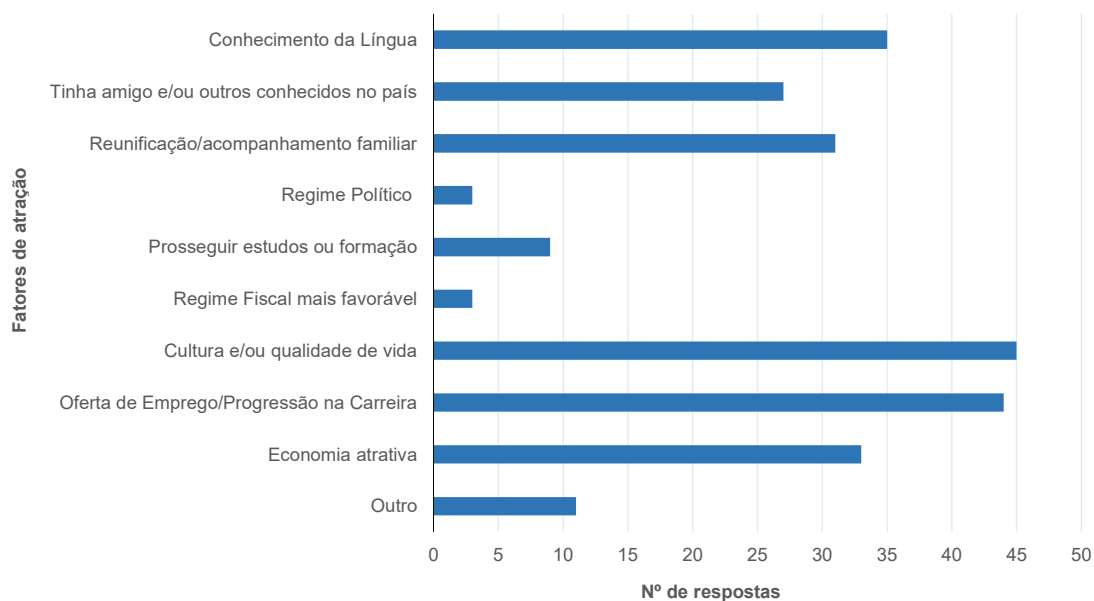


Gráfico 10 Fatores de atração – motivos de entrada na Austrália



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

4 Transnacionalismo - ligações a Portugal

Motivos e frequência de visitas a Portugal

Mais de um terço dos respondentes (35.7%) visita Portugal a cada dois anos e 20.6% visita o país anualmente. Dos restantes, existe uma igual distribuição de pessoas (15.9%) que visita Portugal a cada 5 anos e as que apenas o fazem a cada 10 anos. Além disso, 9.5% disseram não visitar Portugal ou nunca o fizeram e apenas 2.4% dos respondentes disseram visitar Portugal de seis em seis meses ou com maior frequência. O espaçamento entre visitas a Portugal é natural, dada a grande distância entre países, assim como os custos e o tempo de viagem.²¹

Entre os motivos de visita a Portugal, o predominante é a visita a familiares e amigos (113 respostas). Um igual número de pessoas (46 respostas) desloca-se a Portugal para férias, assim como para participar em eventos especiais (casamentos, funerais, batizados). Apenas três pessoas disseram viajar em negócios.

Remessas

Menos de um quarto (23.8%) dos respondentes envia dinheiro para Portugal, o que corrobora a tendência de redução das remessas recebidas de países de emigração portuguesa mais antiga ou de regiões fora da Europa, assim como ilustrado pelos dados – em 2024, as remessas recebidas da Austrália ascenderam a 3.64 milhões de euros, face aos 4.54 milhões registados em 2014 (Banco de Portugal, 2024). Quando questionados sobre a frequência de envio, um terço (33.3%) envia dinheiro mensalmente, seguido pelo envio anual (16.7%). As restantes opções, “trimestralmente”, “apenas quando algum familiar/amigo precisa” e “apenas quando consigo enviar”, representaram 13.3% (cada) das respostas, sendo o envio semestral o menos comum (10%).

O destino mais popular para as remessas é a família – apoio a familiares (16 respostas). A constituição de poupanças (10 respostas), as aquisições no mercado imobiliário (7 respostas) e investimentos em atividades económicas (4 respostas) estão também entre as aplicações mais frequentes. Apenas uma pessoa indicou a “criação de negócio/empresa” em Portugal (gráfico 11).

²¹ Uma viagem (ida e volta) rondará os dois mil euros e envolve pelo menos 20h de viagem de avião.

Além das remessas, foi também explorado o envio de outros bens para Portugal, resposta maioritariamente positiva (54%). Quando questionados sobre a frequência com que realizam esses envios, mais de metade (51.5%) apenas o faz em ocasiões especiais ou “quando necessário” (17.6%), enquanto 22.1% afirmou que “sim, enviei no passado, mas já não envio”. No total, somente cerca de 9% das pessoas que enviam bens o faz de forma regular. Questionados sobre o tipo de bens (gráfico 25), o maior número de respostas recaiu em “presentes” (61), seguida pela opção “roupa/calçado” (8 pessoas), “bens alimentares” (3) e “artigos para casa” (2).

Associativismo e redes sociais

A participação em organizações/associações portuguesas na Austrália não aparenta ser um traço forte entre os participantes no estudo, dado que apenas 30% diz ser membro de uma ou mais organizações. Das trinta e sete pessoas que disseram ser membros de pelo menos uma associação (gráfico 26), quase todas (30 pessoas) pertencem a uma organização cultural/recreativa. Seguem-se as organizações de âmbito social (13 respostas) e desportivas (8 respostas). Existem três pessoas que dizem participar em organizações religiosas, enquanto as organizações de âmbito profissional e económico reúnem uma resposta cada. No total, treze pessoas participam em mais do que uma organização (gráfico 12).²²

Já em relação à pergunta se eram membros de alguma organização em Portugal, a resposta foi, na sua grande maioria, negativa (83.3%). Entre os que participam (16.7%), o tipo de organização mais comum foi a de natureza desportiva (11 pessoas), seguida pelas culturais e profissionais (6 pessoas cada) e as sociais (4 pessoas). Apenas uma pessoa indicou participar numa organização religiosa, número idêntico à que escolheu a opção “outro” (gráfico 13).

A situação é bastante diferente quando consideramos o universo criado pelas redes sociais. A grande maioria (81.7%) respondeu que participava em algum grupo associado às comunidades portuguesas nas redes sociais (gráfico 28). Quase todos os que responderam afirmativamente fazem parte de grupos de portugueses na Austrália (96 pessoas). Outras opções são: grupos de amigos (28 respostas), grupos de portugueses na diáspora (23 respostas) e grupos familiares (18 respostas). A participação em grupos profissionais foi também mencionada por nove pessoas (gráfico 14).

²² Oito pessoas selecionaram dois tipos de organizações, das quais metade participa numa organização social e cultural/recreativo; duas pessoas selecionaram três opções, estando as associações culturais presentes em qualquer das respostas e uma pessoa diz participar em quatro organizações.

Participação em eventos

Mais de 2/3 dos respondentes (65.1%) diz já ter participado em eventos relacionados com Portugal, promovidos pela comunidade portuguesa ou pelo Estado Português, 31% não participou e 4% não se recorda. Aos que participaram, foi-lhes apresentada uma lista de dez tipos de eventos. Entre as respostas mais populares encontramos os eventos promovidos por associações portuguesas (56 respostas) e os festivais/eventos gastronómicos (52 respostas). Seguiram-se as celebrações nacionais (44 respostas) e encontros/convívios ou jantares com outros imigrantes portugueses (43 respostas) e os concertos de artistas portugueses (37 respostas). Com menos respostas, as ações solidárias (14 respostas), eventos promovidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (6 respostas), conferências promovidas para e/ou por empresários portugueses (3 respostas) e uma referiu participar em manifestações/ações de consciencialização (Gráfico 15).

Tipo de ligações com Portugal

Um dos objetivos centrais deste estudo é compreender as relações que os portugueses residentes na Austrália mantêm com Portugal, independentemente de se tratar de uma emigração recente ou de longa data. Para tal, foi utilizado um conjunto de afirmações em relação às quais os participantes deviam indicar o seu grau de concordância (gráfico 16).²³

As afirmações “falo regularmente com os meus amigos/família em Portugal” e “sinto orgulho em ser português” reúnem graus de concordância muito elevados (superior a 90%)²⁴ e graus de discordância insignificantes (0.8%).²⁵ Com uma concordância superior a 80% encontramos a afirmação “sinto-me ligado a Portugal e sua cultura” e, com uma concordância de quase 70% as afirmações “mantenho-me atualizado com notícias portuguesas” e “sigo tradições portuguesas em ocasiões especiais”.

No lado oposto, as afirmações “costumo votar nas eleições portuguesas”, “vejo programas portugueses com frequência” e “celebro feriados nacionais portugueses” reúnem um grau de discordância igual ou superior a 50%, embora para esta última a neutralidade seja superior a ¼.

²³ O intervalo era composto pelas opções “Concordo Completamente”, “Concordo”, “Não concordo, nem discordo”, “Discordo”, “Discordo Completamente”.

²⁴ Soma de “concordo” e “concordo completamente”.

²⁵ Soma de “discordo” e “discordo completamente”.

Regresso a Portugal

O regresso a Portugal é, no geral, uma hipótese pouco provável,²⁶ a curto e a longo prazo, como indicado por mais de metade dos respondentes. Assim, a permanência na Austrália apresenta-se como o cenário mais certo, dado que cerca de 65% dos respondentes indica um elevado grau de certeza – mais de 1/3 assinala a opção “tenho a certeza”. Esta escolha revela-se compreensível à luz de outras variáveis abordadas no questionário, descritas na secção seguinte, como o estatuto de cidadão australiano ou residente permanente, o tempo de permanência na Austrália e a elevada proporção de respondentes com habitação própria. Entre as opções apresentadas, uma nova migração surge como a menos provável, tendo mais de metade dos participantes assinalado a opção “nada provável” (gráfico 17).

Atividade económica

Quando questionados sobre se exercem ou têm alguma atividade económica ou profissional ligada a Portugal ou a outras comunidades portuguesas, a quase totalidade dos respondentes (92.9%) respondeu de forma negativa. Dos que responderam “sim” (7.1%), 3.2% selecionaram a opção “a minha atividade económica está parcialmente ligada a Portugal” e 2.4% responderam “a minha atividade económica é exclusivamente ligada a Portugal”. Adicionalmente, para as opções “não tenho atividade própria, mas o meu trabalho está ligado ao mercado português” e “a minha atividade económica está ligada a ambos os contextos” há uma resposta (0.8%) para cada (gráfico 18).²⁷

Na mesma linha de questionário, quando inquiridos sobre se tinham alguma atividade económica ou profissional em Portugal, cujo funcionamento dependia da sua presença na Austrália, 95.2% dos respondentes responderam de forma negativa. Das pessoas que responderam “sim” (4.8%), uma pessoa (0.8%) selecionou a opção “posso atividade económica em Portugal ligada ao mercado australiano” e cinco pessoas (4%) dizem desenvolver atividade económica em Portugal, não associada ao mercado australiano. Entre estas, duas pessoas desenvolvem atividade no ramo imobiliário (Airbnb e imobiliário), duas pessoas deram respostas iguais à que tinha sido dada na questão anterior²⁸ e uma pessoa respondeu “diversos”.

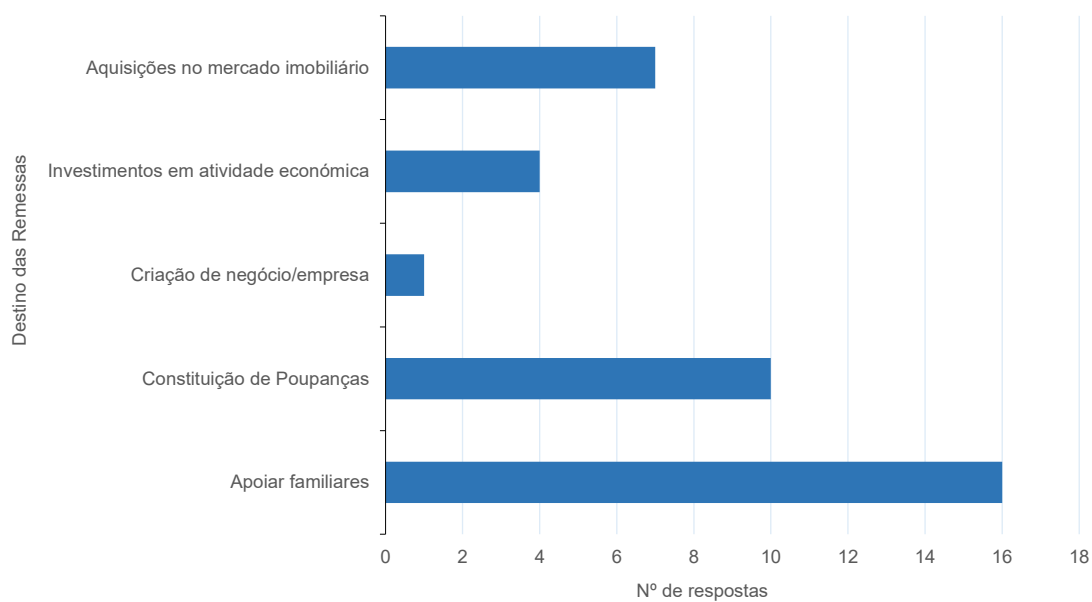
[gráficos nas páginas seguintes]

²⁶ Soma das opções “pouco” e “nada provável”.

²⁷ Entre estas respostas, duas são de funcionários consulares, uma pessoa tem uma pastelaria, uma trabalha em clubes e associações, uma pessoa trabalha em tradução/interpretação, uma em nutrição e bem-estar, uma outra no ensino do português e, por fim, uma pessoa trabalha em *software* e deteção de fraude.

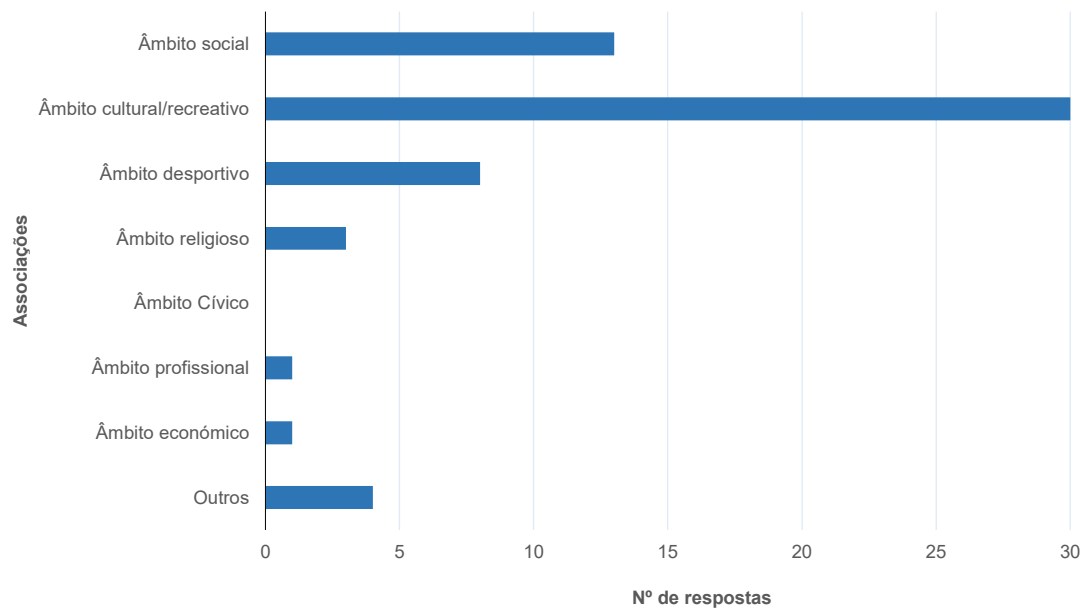
²⁸ “Nutrição e bem-estar”, “software e deteção de fraude”.

Gráfico 11 Destino das remessas



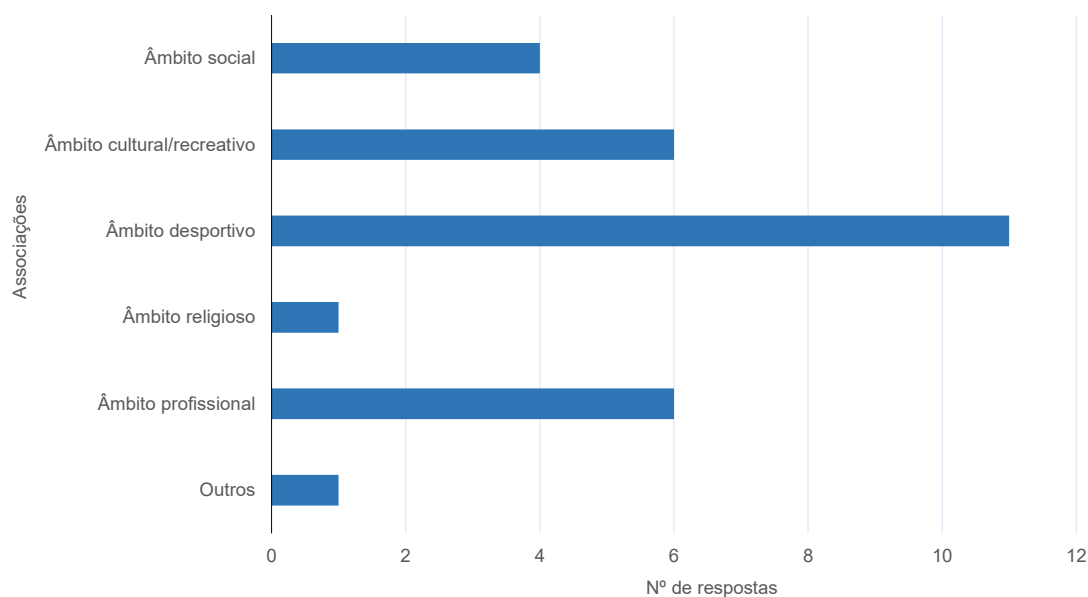
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 12 Participação em associações/organizações portuguesas na Austrália



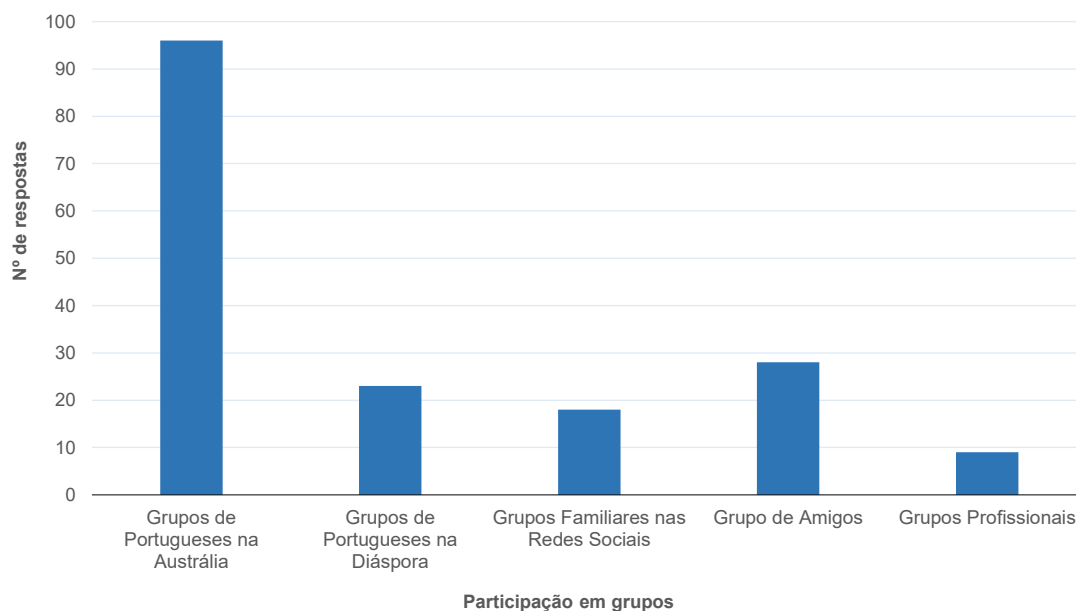
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 13 Participação em associações/organizações em Portugal



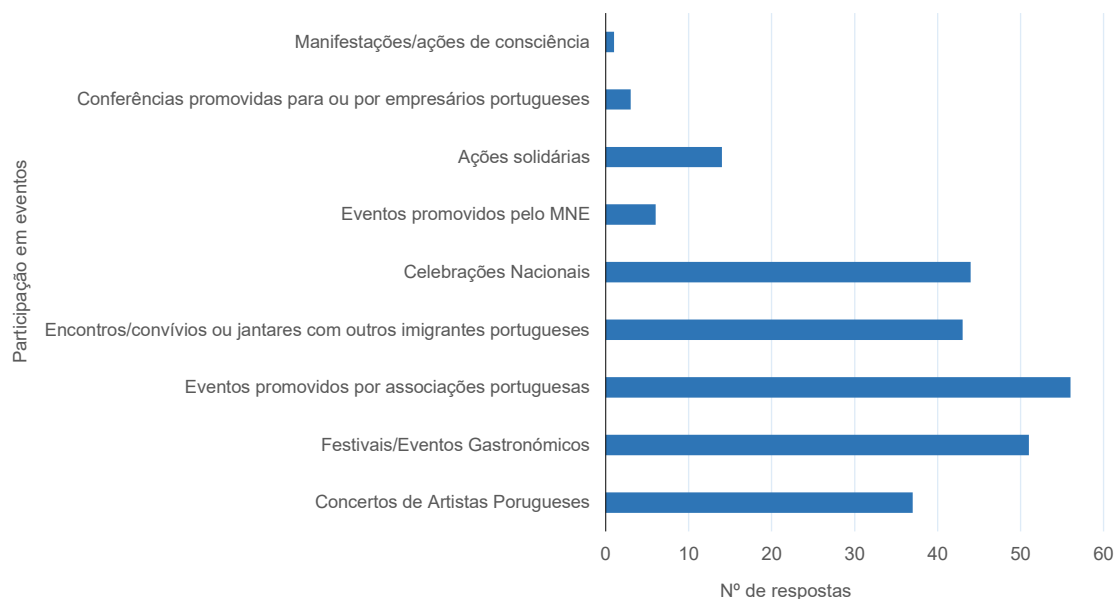
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 14 Participação em grupos nas redes sociais (Facebook)



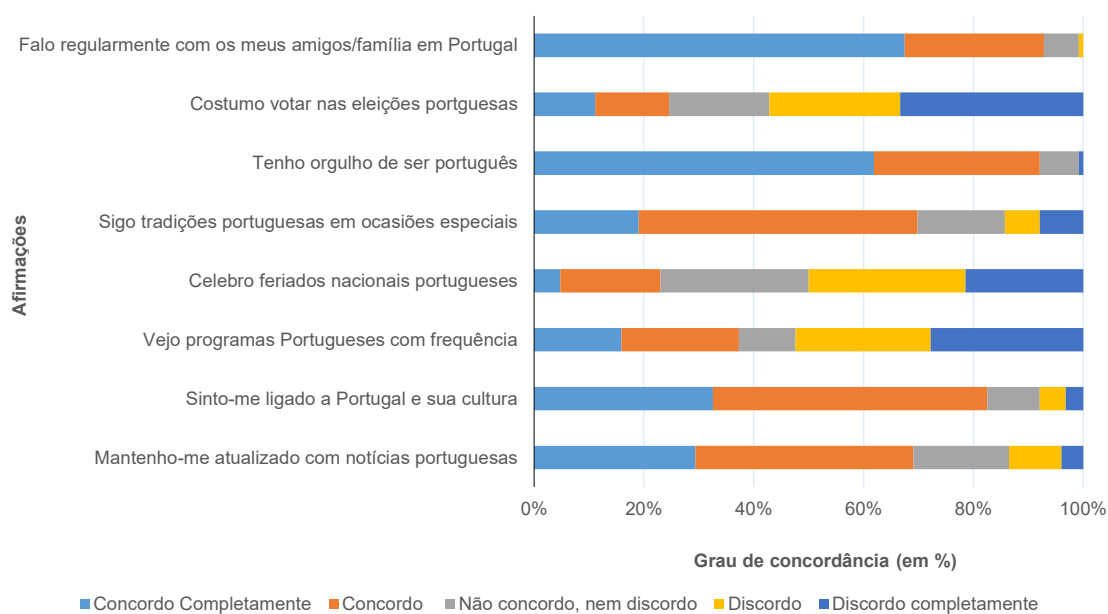
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 15 Participação em eventos portugueses na Austrália



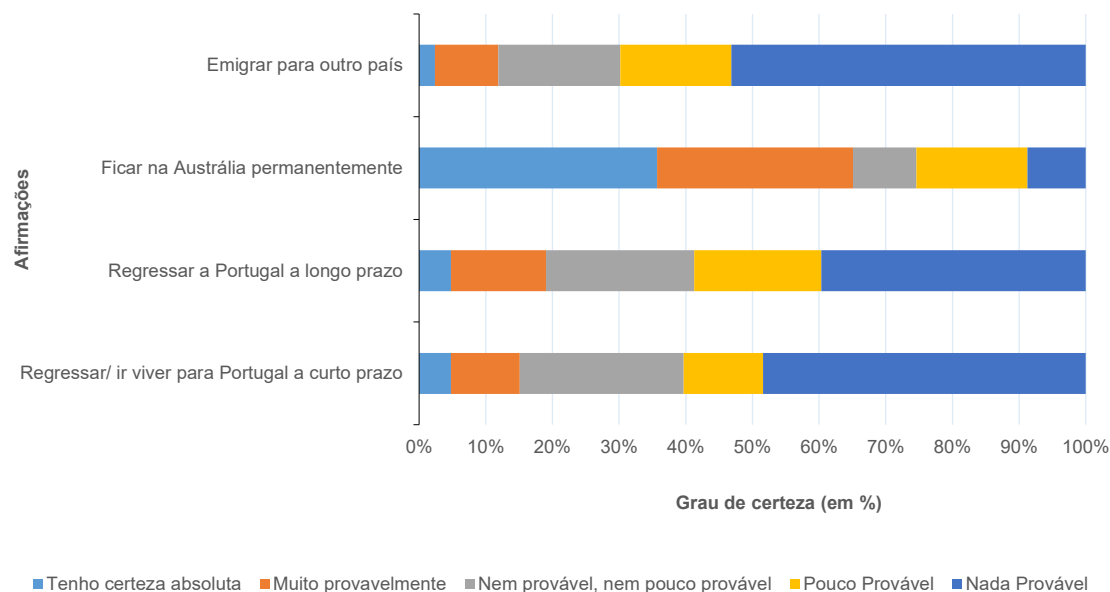
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 16 Ligações com Portugal – grau de concordância



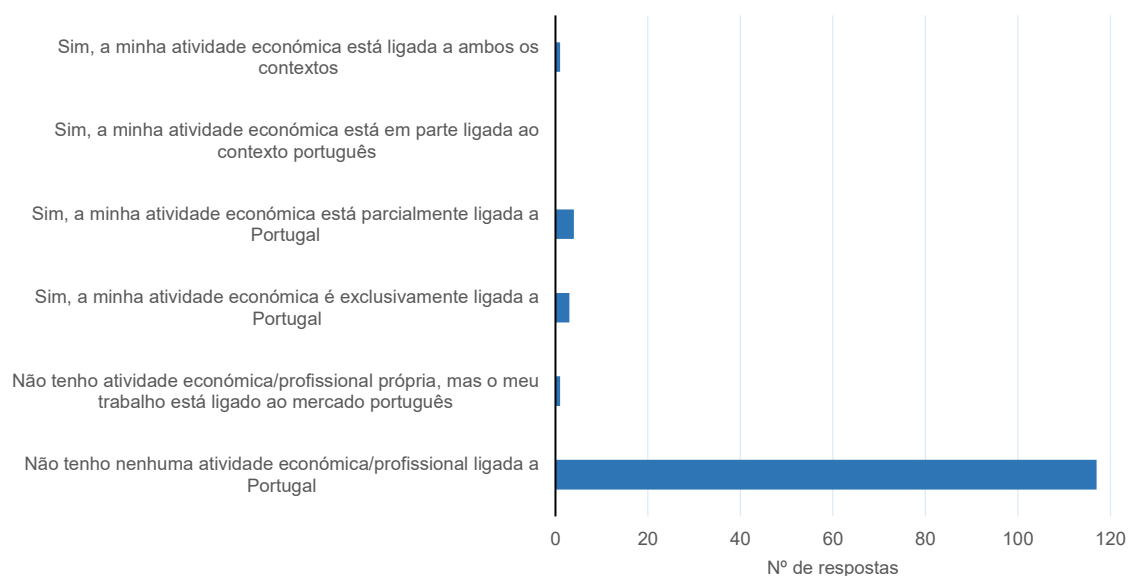
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 17 Regresso a Portugal – grau de certeza



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 18 Laços económicos, atividade económica na Austrália dependente do mercado português (Portugal e comunidades portuguesas)



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

5 Integração na Austrália

Os dados obtidos sobre a sua situação legal na Austrália revelam que mais de metade dos respondentes (55.6%) é cidadão australiano e 28.6% tem o estatuto de residente permanente. Dos restantes, 7.9% são residentes temporários, 3.2% estão como estudantes internacionais e 1.6% dizem estar em situação de irregularidade no país. Os restantes 3.2% selecionaram “outra situação”.

Aliado à elevada proporção de portugueses residentes na Austrália com cidadania australiana, o caráter de migração permanente é reforçado por três aspetos: em primeiro lugar, a detenção de casa própria, com mais de metade dos respondentes (55.6%) a indicar ser proprietário/coproprietário da casa onde vive; em segundo lugar, a nacionalidade do cônjuge -- entre as pessoas que responderam ter parceiro ou cônjuge, cerca de metade (41.9%) vive com alguém de cidadania australiana e mais de um terço (29.1%) com alguém com cidadania portuguesa. Dos restantes, 14% diz estar com alguém que tem a dupla cidadania (australiana e portuguesa) e 15.1% indicam outra cidadania (não explicitada). Em terceiro lugar, o período de estadia prolongado no país, que se torna patente através da análise da década de entrada dos respondentes.

Mais de metade (54.8%) chegou na década de 2010, pelo que se encontra no país há pelo menos uma década. No entanto, 36% das respostas são relativas a fluxos migratórios da segunda metade do século XX, que corresponde ao maior período de crescimento da emigração portuguesa para a Austrália²⁹. Assim, 20.6% chegaram na década de 1980, 7.1% na década de 1990, 6.3% na década de 1970 e 1.6% na década de 1960. Apenas 2.4% tinha chegado na presente década (2020).

Os dados sobre o tempo decorrido até obter emprego após a chegada à Austrália, mostram que a inserção no mercado de trabalho foi bastante rápida para a generalidade dos inquiridos: 17.5% já tinha contrato de trabalho quando chegou ao país e 35.7% conseguiu emprego em menos de 2 meses. Mas, para alguns (19%) a obtenção do primeiro emprego demorou mais de 6 meses ou mesmo mais de um ano. Em situação de desemprego ou sem terem (ainda) entrado no mercado de trabalho encontravam-se 11.9% do total de respondentes.

²⁹ De acordo com os censos históricos australianos, a população portuguesa registou um crescimento contínuo entre 1947 e 1991. Este crescimento foi particularmente acentuado nas décadas de 1950 e 1960. Entre os censos de 1947 e 1954 a população portuguesa cresceu 315.8%, entre 1954 e 1961, aumentou 203.2%, no período 1961-1966 o acréscimo foi de 127.7% e entre 1966 e 1971 de 219.4%. Nos anos seguintes, o crescimento foi sempre inferior a 50%, mas não deixa de ser relevante, dado que a partir dos anos 90 não se voltaram a registar valores dessa ordem.

Quando questionados sobre a forma como obtiveram o primeiro emprego na Austrália, são referidas as relações sociais (13.5% indicam portugueses a residir na Austrália), mas as respostas evidenciam sobretudo formas mais independentes de obtenção de emprego: 34.9% indicam a submissão de uma candidatura, 9.5% uma agência de trabalho australiana e 6.3% um patrocinador na Austrália. Numa igual proporção de respostas, 3.2% dos respondentes indicam ter criado o próprio emprego e outra situação (contacto prévio com o empregador, conexão através de uma professora universitária, expansão de empresa portuguesa e um contacto do linkedin) (gráfico 17).

Por fim, quando questionados sobre a perspetiva sobre a sua situação profissional após a mudança para a Austrália, a grande maioria aponta para uma melhoria (62.7%), o que corresponde à concretização de um dos principais motivos da emigração. No entanto, há uma proporção considerável que seleciona a opção “não se aplica”³⁰ (22.2%)³¹ e 13.5% indica que a situação é semelhante à experienciada em Portugal. Os restantes 1.6% indicam que a sua situação piorou.

Participação cívica e social

O envolvimento dos portugueses em iniciativas de natureza cívica e social é também um indicador da sua integração na sociedade australiana. Ainda que a maioria dos respondentes (58.7%) afirme ter já participado em algum tipo de iniciativa, não deixa de ser relevante que mais de 40% dos inquiridos não participe. As atividades culturais e recreativas (46 respostas), de âmbito social (40 respostas), bem como as desportivas e profissionais (36 e 37 respostas) são as mais frequentemente referidas, enquanto a participação em iniciativas religiosas e políticas recebe um menor número de respostas (12 e 8, respetivamente) (gráfico 18).

No que diz respeito à participação em organizações na Austrália, a maioria dos respondentes não pertence a nenhuma (57.1%). Entre as pessoas que pertencem (42.9%), as mais mencionadas são as organizações não-governamentais (26 respostas), as de natureza cultural/recreativa e organizações profissionais (19 e 12 respostas, respetivamente). Com menos expressão apareceram as organizações desportivas (9 respostas), religiosas (6 respostas), a participação em sindicatos ou uniões sindicais (4 respostas) e os partidos políticos (2 resposta).

³⁰ Por não se aplica, considera-se cenário em que o respondente não teve experiências profissionais prévias antes de migrar para a Austrália ou nasceu na Austrália, pelo que não é possível fazer uma comparação.

³¹ Não havia possibilidade de indicar o motivo pelo qual a questão não se aplica.

Por fim, uma pessoa pertence a uma câmara de comércio e outra integra uma organização de estudantes (gráfico 19).

Os inquiridos foram também questionados sobre o grau de ocorrência para outras atividades de natureza cívica e social. As respostas reforçam a ideia de um tipo de envolvimento ativo quando de natureza mais informal: é o caso da socialização com pessoas não portuguesas – para os quais quase 40% indica que esta ocorre diariamente e quase um terço indica que esta ocorre com muita frequência – e a frequência com que vêem programas nacionais e/ou locais – quase 44% indica que o faz diariamente e mais de um quarto fá-lo com regularidade. Por outro lado, este envolvimento demonstra ser mais ténue quando de cariz mais formal, nomeadamente a participação na vida política australiana - cerca de 32% afirma que esta nunca acontece, quase 30% diz que só ocorre ocasionalmente e 21% indica que raramente acontece. A participação em eventos nacionais, regionais e locais é mais frequente – 37.3% diz que ocorre ocasionalmente e 32.5% indica que ocorre “várias vezes”. Ainda assim, 16.7% diz que a participação é rara (gráfico 20).

Perceção da Austrália

Nesta secção foi dado aos respondentes um conjunto de afirmações, solicitando o grau de concordância com cada uma delas relativamente à sua perceção sobre a Austrália (gráfico 21). Para todas as afirmações, o grau de concordância é superior a 60%, o que demonstra uma perceção muito positiva e um grau de satisfação elevado.

Metade das afirmações reúne um grau de concordância superior a 80%. Entre as afirmações, as que reúnem maior grau de concordância são: “estou satisfeita/o com a minha escolha de imigrar para a Austrália”, “estou completamente integrado na Austrália”, “estou satisfeita/o com a minha situação profissional na Austrália” e a “a minha situação financeira e a minha qualidade de vida melhoraram desde que vim para a Austrália”. Esta última é a que recolhe o menor grau de concordância – 5.6% (soma das opções “discordo” e “discordo completamente”). Entre estas afirmações, a afirmação “estou satisfeito/a com a minha escolha de migrar para a Austrália” reúne um grau de discordância extraordinariamente baixo – apenas 0.8%.

Por sua vez, com os menores níveis de concordância, ainda que o mais baixo seja de 62.7%, encontramos, de menor concordância para maior, as afirmações: “a integração na Austrália é fácil”, “a mobilidade social é mais fácil na Austrália do que em Portugal”, “é mais fácil encontrar emprego na Austrália do que em Portugal” e “a Austrália recebe bem os imigrantes”.

Quando consideramos a discordância, duas afirmações sobressaem por terem proporções superiores a 10%, as quais são: “a integração na Austrália é fácil”, com 12.7% e que é, em

simultâneo a afirmação com menor concordância e a afirmação “é mais fácil encontrar emprego na Austrália do que em Portugal”, com a qual 11.1% discordam. Por fim, a afirmação “a mobilidade social é mais fácil na Austrália do que em Portugal”, assume um nível de neutralidade relevante, com cerca de 22.2% dos respondentes opção “não concordo nem discordo”.

Dificuldade sentidas

Foi solicitado aos participantes que indicassem o grau de dificuldade sentido em relação a oito situações distintas, numa escala que variava entre “muita dificuldade” e “nenhuma dificuldade”.³² De forma geral, os resultados revelam um cenário tendencialmente positivo: em três das situações avaliadas, a maioria dos respondentes indicou sentir “muito pouca” ou “nenhuma dificuldade”, sendo que, em três dessas questões, mais de 40% escolheram estas opções.

Entre as dificuldades mais frequentemente mencionadas³³ destacam-se a burocracia e o processo de socialização (ou seja, conhecer novas pessoas), ambos assinalados por cerca de um terço dos inquiridos, bem como o custo de vida (32.5%). No entanto, no caso da socialização, observa-se também um número significativo de respostas que indicam baixa dificuldade — 53.2% referiram sentir “pouca” ou “nenhuma dificuldade” nesta dimensão. Quanto à burocracia e ao custo de vida, mais de 35% dos participantes indicaram igualmente sentir “pouca dificuldade” (36.5% e 37.3%, respetivamente).

As situações que apresentam menor nível de dificuldade percecionada são o acesso à saúde (61.1% referem sentir pouca ou nenhuma dificuldade) e o acesso à educação dos filhos (57.1%). Se considerarmos a proporção mais reduzida de respostas que indicam dificuldades (“muita” ou “alguma”), o acesso à educação destaca-se como a situação com menor dificuldade percecionada. Seguem-se, em termos de menor dificuldade, as situações de “encontrar alojamento” (47.6% indicam pouca ou nenhuma dificuldade; apenas 19% referem dificuldades), “compreensão/fala da língua” (43.7%) e “encontrar emprego” (40.5%) (gráfico 22).

³² Havia também a possibilidade de selecionar a opção “não se aplica”. Também se registaram respostas em branco.

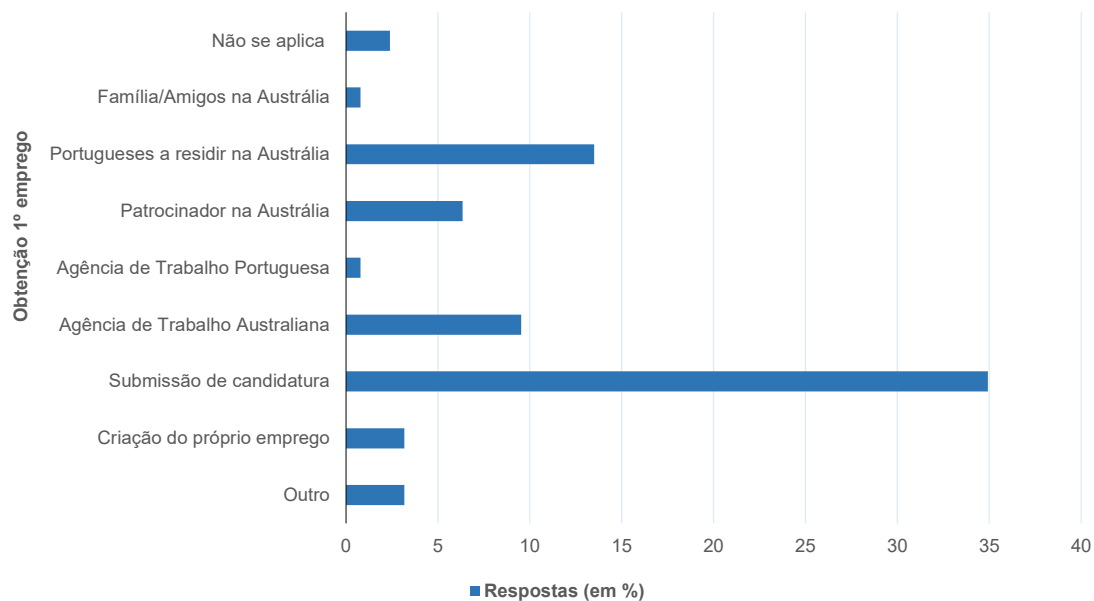
³³ Soma das opções “muita dificuldade” e “alguma dificuldade”.

Discriminação

Numa nota bastante positiva, a grande maioria dos respondentes (64.3%) diz nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação na Austrália. São 30.1% os que dizem ter sido vítimas de algum tipo de discriminação e 5.6% preferem não dizer. As situações de discriminação ocorreram sobretudo no local de trabalho, ou em contexto social, em espaços públicos, na escola ou na rua. Alguns indicaram ter sido vítimas de discriminação nos serviços públicos e outros entre amigos ou parceiros (gráfico 23).

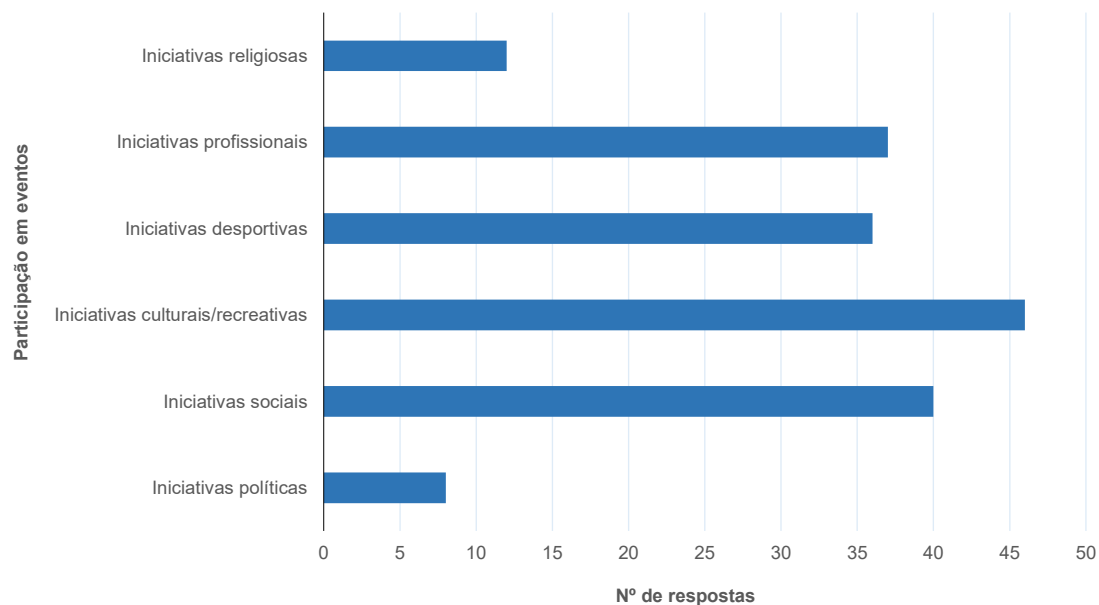
[gráficos nas páginas seguintes]

Gráfico 19 Forma de obtenção do primeiro emprego na Austrália



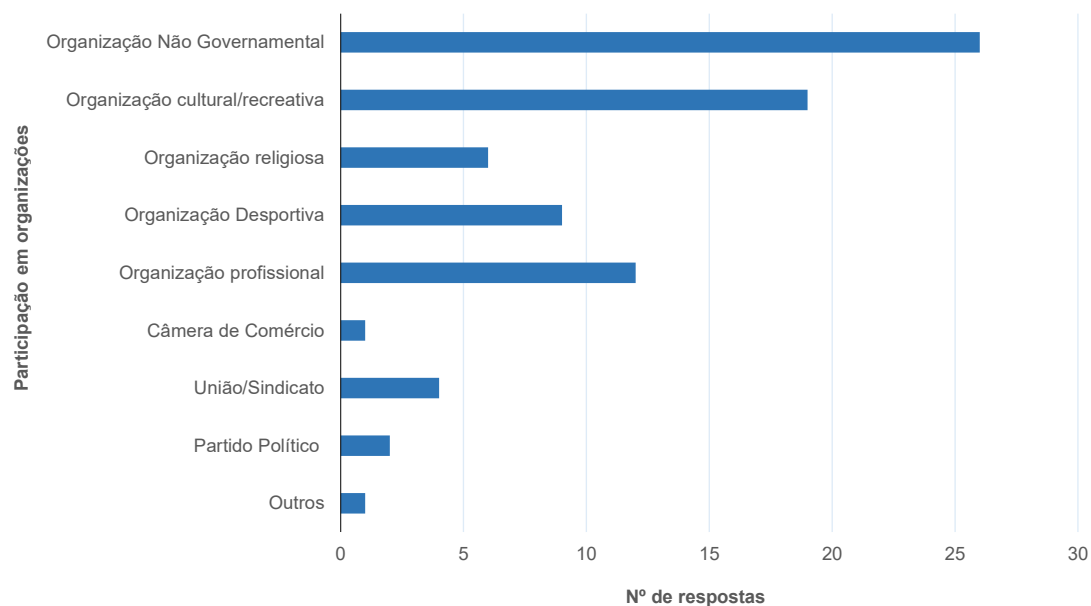
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 20 Participação em eventos na Austrália



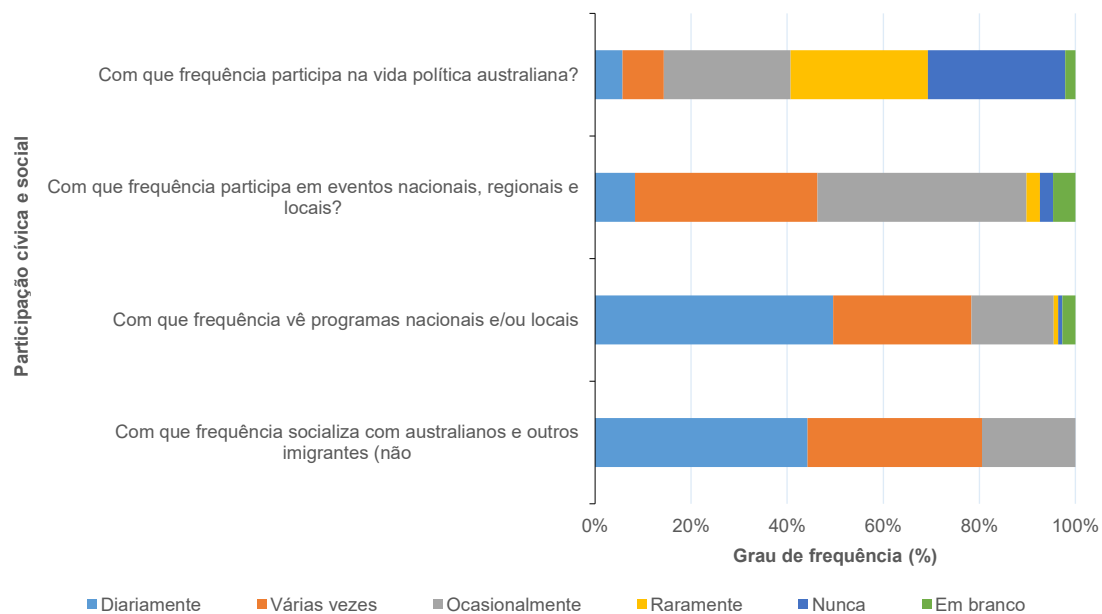
Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 21 Participação em associações/organizações na Austrália



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália

Gráfico 22 Participação cívica e social na Austrália – grau de ocorrência



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

Gráfico 23 Reflexão pós-migração – grau de concordância

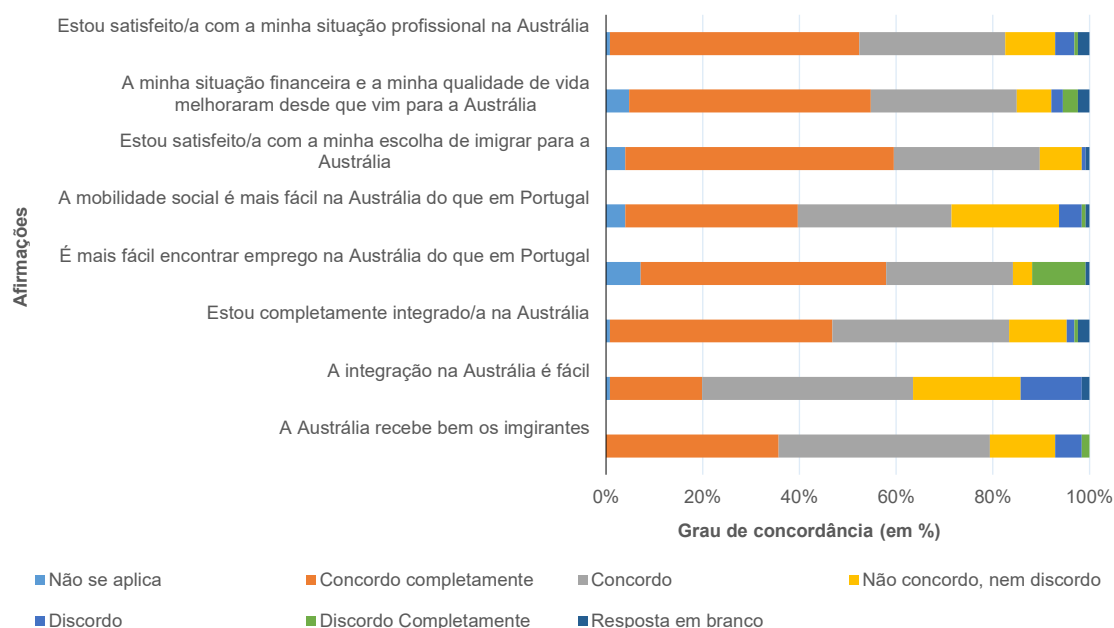
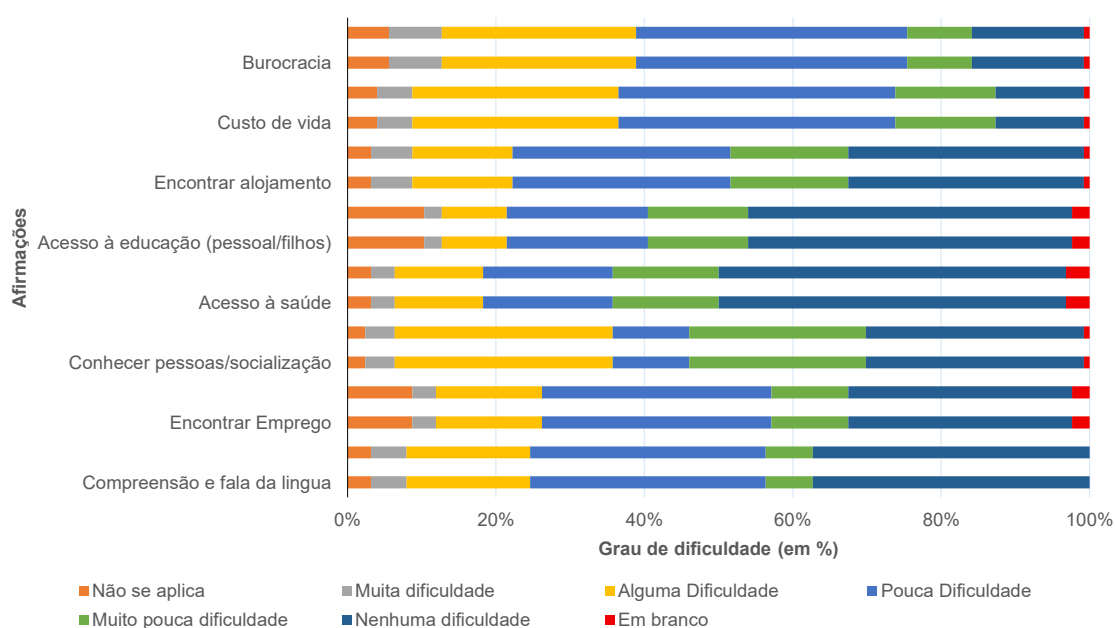
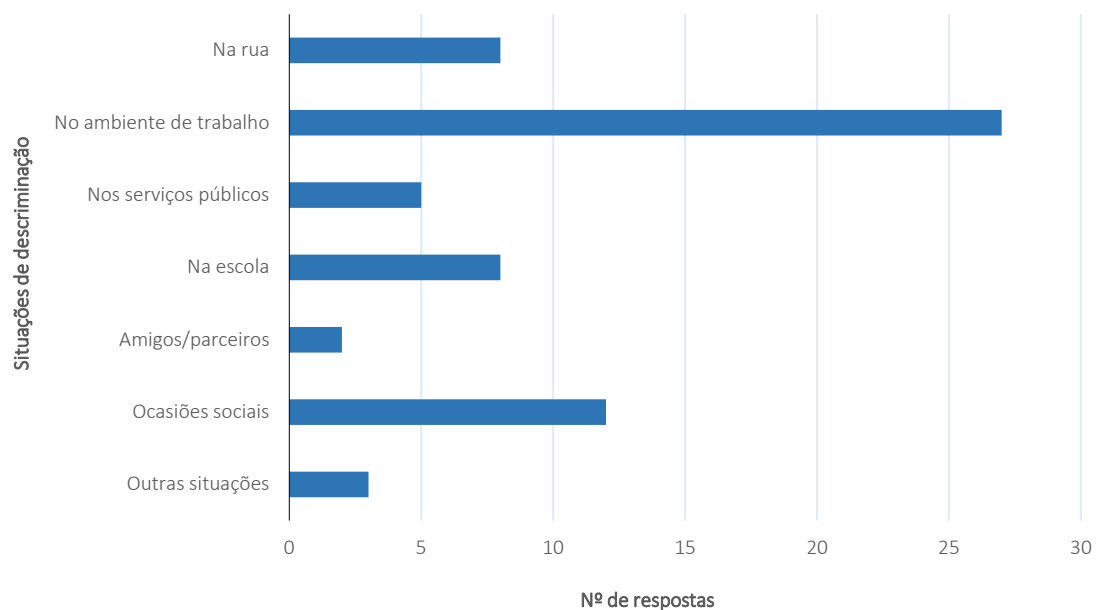


Gráfico 24 Dificuldades sentidas – grau de dificuldade



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália.”

Gráfico 25 Situações de discriminação



Fonte Gráfico elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do inquérito “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”.

6 Reflexão

A elaboração e o lançamento deste questionário tiveram como principal objetivo explorar evidências de práticas transnacionais da comunidade portuguesa na Austrália, assim como aprofundar as causas da emigração e as razões da escolha do destino migratório, de modo a obter uma caracterização mais aprofundada daquela que é uma das comunidades portuguesas mais antigas.

Relativamente ao primeiro objetivo, constata-se que o grau de transnacionalismo é fraco quando considerado na perspetiva económica: a percentagem de respondentes a enviar remessas é diminuta e, dos que o fazem, o principal destino é a família, visando a constituição de poupanças e aquisições no mercado imobiliário. Estas são ações estáticas e de baixa intensidade do ponto de vista do transnacionalismo económico, visto não promoverem um contacto frequente e a intensificação das ligações dos migrantes entre ambos os países. Ademais, entre os respondentes, a percentagem dos que exerciam uma atividade económica relacionada com Portugal era reduzida.

A análise é mais positiva quando se considera uma perspetiva mais cultural e social do transnacionalismo: as visitas a Portugal são frequentes (em particular se atendermos à distância, o tempo e o custo da viagem), o contacto com os familiares e amigos em Portugal é diário, assim como há alguma regularidade no acompanhamento da atualidade em Portugal, facilitado pelas redes sociais e o acesso à tecnologia. Há, também, um esforço ativo em manter ligações emocionais com Portugal, o que se traduz numa larga maioria de respondentes a afirmar que mantém hábitos e tradições portuguesas e que participou em eventos relacionados com Portugal, sobretudo de natureza gastronómica, social, cultural e recreativa. Embora o grau de intervenção em organizações e a associações portuguesas na Austrália e em Portugal seja baixo, este é um padrão que se estende para a participação em associações australianas sem ligações a Portugal, pelo que o associativismo não se demarca como uma característica forte.

Simultaneamente, os respondentes demonstram um elevado grau de integração e de satisfação na Austrália, o que se reflete em vários aspetos. Primeiro, o facto de se tratar de uma migração de carácter permanente, sendo pouco provável o regresso a Portugal. Este aspeto é marcado pelos anos de permanência no país (a maioria há pelo menos uma década), e pelo culminar da comunhão entre país de acolhimento e migrante, que se traduz na elevada proporção de pessoas que possui cidadania australiana, em conjugação com a portuguesa. Em segundo lugar, existe uma perspetiva bastante positiva sobre a melhoria na qualidade de vida após a decisão de migrar, assim como um elevado grau de satisfação na escolha do país de destino. Por fim, o baixo grau de dificuldade sentido em elementos cruciais no processo de

adaptação e integração no novo país, nomeadamente a compreensão da língua, o acesso à saúde, o acesso à educação e o acesso ao emprego, reforça o caráter de uma integração bem-sucedida, o que poderá ser também explicado por estarmos perante uma amostra de pessoas mais qualificadas.

Deste modo, embora de baixa intensidade e de caráter mais cultural e étnico, o transnacionalismo reúne na comunidade portuguesa na Austrália condições sólidas para a sua exploração, intensificação e dinamização, dado o elevado nível de integração da comunidade no país de acolhimento e a manutenção de laços afetivos fortes com o país de origem.

Por fim, os resultados do questionário reforçam a posição de Portugal como um país de repulsão (Pires et al. 2021), onde as motivações de saída continuam a ser determinadas por fatores de ordem económica e profissional, de falta de oportunidades e de futuro. Por sua vez, a Austrália apresenta-se como uma terra de oportunidade, que acolhe e fomenta a integração de imigrantes, o que limitará, por certo, o regresso de portugueses residentes na Austrália.

Nota sobre os dados

Os quadros com o conjunto dos dados sobre a comunidade portuguesa na Austrália podem ser obtidos descarregando o ficheiro Excel disponível no sítio do Observatório da Emigração, no mesmo endereço da ficha, com a designação:

OEm_FactSheet_20_2025_ComunidadePortuguesaAustralia_Data.xlsx

Metainformação

O questionário foi publicado em português e inglês na plataforma Microsoft Forms. Obteve-se um total de 126 respostas, 70 no **questionário em português** e 56 no **questionário em inglês**. Todos os gráficos foram elaborados pelo Observatório da Emigração, com recurso aos dados do questionário “Transnacionalismo e a Comunidade Portuguesa na Austrália”.

Referências bibliográficas

- Australian Bureau of Statistics. 2023. "Census 2021 - Country of Birth QuickStats Portugal," 1–18.
- . 2024. "Overseas Migrant Arrivals by Country of Birth 2004-2024". Última modificação a 13 de dezembro. <https://www.abs.gov.au/statistics/people/population/overseas-migration/latest-release>
- . 2025 "Estimated resident population by country of birth - as at 30 June 1996 to 2024". Última modificação a 30 de abril. <https://www.abs.gov.au/statistics/people/population/australias-population-country-birth/latest-release>.
- Australian Government. n.d. "Our Agency - Services Australia." Acedido a 29 de fevereiro, 2024. <https://www.servicesaustralia.gov.au/our-agency?context=1>
- Banco de Portugal. n.d. "Remessas Por País de Contraparte | BPstat." Acedido a 4 de março, 2024. <https://bpstat.bportugal.pt/conteudos/quadros/1422>.
- Bauböck, Rainer, and Thomas Faist. 2010. *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Rotterdam: IMISCOE.
- Marques, José Carlos, e Pedro Góis. 2007. "Práticas Transnacionais dos Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal e dos Emigrantes Portugueses Na Suíça: Para Além dos Conceitos." *Oficina Do CES* 294 (Query date: 2021-03-18 14:16:41). https://iconline-ipleiria.pre.rcaap.pt/bitstream/10400.8/870/1/Artigo_Cabo_Verde_trans.pdf.
- Pires, Rui Pena, Joana Azevedo, Inês Vidigal e Carlota Moura Veiga. 2021. *Emigração Portuguesa 2021: Relatório Estatístico*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMRE082021
- Pires, Rui Pena, Inês Vidigal, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Carlota Moura Veiga. 2022. *Emigração Portuguesa 2022: Relatório Estatístico*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMRE092022
- Pires, Rui Pena, Inês Vidigal, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Carlota Moura Veiga. 2024. *Emigração Portuguesa 2023: Relatório Estatístico*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMRE102024
- Vertovec, Steven. 2009. *Transnationalism*. New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203103838-73>.



Observatório da Emigração

O Observatório da Emigração é uma estrutura técnica e de investigação independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, onde tem a sua sede. Funciona com base numa parceria entre o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Iscte, o Centro de Estudos Geográficos, da Universidade de Lisboa, o Instituto de Sociologia, da Universidade do Porto, e o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, da Universidade de Lisboa. Tem um protocolo de cooperação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Série	OEm Fact Sheets, 20
Título	Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália
Autores	Sofia Vilhena, Dulce Pimentel e José Carlos Marques
Editor	Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa
Data	Outubro de 2025
ISSN	2183-4385
DOI	10.15847/CIESOEMFS202025
URI	

Como citar	Vilhena, Sofia, Dulce Pimentel e José Carlos Marques (2025), “Transnacionalismo e a comunidade portuguesa na Austrália”, OEm Fact Sheets, 20, Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa. DOI: 10.15847/CIESOEMFS202025
-------------------	---
